

A BUSCA DE
EMILY

Lucy Maud Montgomery

A BUSCA DE
EMILY

Trilogia da mesma autora de
Anne de Green Gables

Tradução: Bruno Amorim



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Emily's quest

Revisão
Renata Daou Paiva

Texto
Lucy Maud Montgomery

Produção editorial
Ciranda Cultural

Editora
Michele de Souza Barbosa

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Bruno Amorim

Design de capa
Ana Dobón

Preparação
Mirtes Ugeda Coscodai

Imagens
Liliana Danila/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787b Montgomery, Lucy Maud

A busca de Emily / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Bruno Amorim. – Jandira, SP : Principis, 2022.

256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial ; v.3)

Tradução de: *Emily's quest*
ISBN: 978-65-5552-443-7

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Amor. 4. Feminismo. 5. Opressão. I. Amorim, Bruno. II. Título. III. Série.

2022-0552

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

*Para Stella Campbell Keller,
da tribo de José*



Capítulo 1

1

“Basta de chá aguado!”¹, escreveu Emily Byrd Starr em seu diário ao voltar de Shrewsbury, deixando o Ensino Médio para trás e tendo a imortalidade pela frente.

Essa mudança tinha um significado simbólico. Ao deixar que Emily bebesse chá puro (não como uma concessão ocasional, mas como algo definitivo), a tia Elizabeth Murray consentia tacitamente em permitir que a sobrinha crescesse. Já fazia tempo que outras pessoas a consideravam adulta, como seu primo Andrew Murray e seu amigo Perry Miller, que haviam lhe pedido em casamento, sendo desdenhosamente rejeitados. Quando soube disso, a tia Elizabeth percebeu quão inútil era continuar obrigando a moça a beber chá aguado. Por outro lado, Emily não tinha muita esperança de algum dia conseguir permissão para usar meias de seda. Como ficaria escondida, uma anáguas de seda até poderia

¹ Em inglês, *Cambric tea*, que é um chá mais fraco, diluído com água e leite, próprio para crianças. (N.T.)

ser tolerada, apesar de seu roçar sedutor; meias de seda, contudo, eram inadmissivelmente imorais.

Com esse acontecimento, Emily (que era descrita pelas pessoas como “a que escreve”) passou a fazer parte do círculo de damas de Lua Nova, onde nada havia mudado desde que ela chegara ali, sete anos antes: o ornamento entalhado sobre o aparador ainda projetava a mesma sombra bizarra na parede, no formato de uma silhueta etíope, exatamente como ela havia notado na primeira noite que passara ali. Aquela era uma casa antiga, cuja vida havia atingido seu ápice há muito e muito tempo, de modo que agora se encontrava plácida, sábia e um tanto misteriosa. Um pouco austera também, mas muito gentil. Para alguns moradores de Blair Water e de Shrewsbury, aquele era um lugar sem graça, pouco promissor para uma jovem como Emily; diziam que ela havia sido tola em recusar a oferta da senhorita Royal de “ir trabalhar em uma revista de Nova Iorque”. Que absurdo jogar fora uma oportunidade tão boa de ser alguém na vida! De sua parte, Emily tinha uma ideia muito clara do que queria ser; não achava que sua vida seria sem graça em Lua Nova nem que havia perdido a chance de escalar o Caminho Alpino por ter decidido ficar ali.

Por direito divino, ela pertencia à Nobre e Antiga Ordem dos Contadores de Histórias. Se tivesse nascido alguns milênios antes, teria encantado os membros de sua tribo em volta de uma fogueira. Contudo, tendo vindo ao mundo em tempos mais contemporâneos, coube a ela alcançar seu público por outros meios, um tanto artificiais.

De qualquer maneira, o material com o qual se tecem as histórias é o mesmo em todas as épocas e lugares. Nascimentos, mortes, casamentos e escândalos: esses são os únicos acontecimentos verdadeiramente interessantes no mundo. Desse modo, Emily se sentia alegremente determinada a prosseguir com sua busca por fama e fortuna, bem como por algo mais, que não era nenhuma dessas duas coisas. Isso porque, para Emily Byrd Starr, a motivação principal da escrita não era o lucro e a glória. Era algo que ela *precisava* fazer. As coisas (as ideias), fossem elas belas ou feias,

torturavam a mente de Emily até que fossem “postas no papel”. Por sua natureza cômica e dramática, sentia-se compelida a descrever com a pena as comédias e as tragédias da vida que tanto a fascinavam. Para além da cortina do real, jazia um mundo de sonhos perdidos, porém imortais, que clamava para ser materializado e interpretado por ela; e o fazia em uma voz que ela não podia e não ousava ignorar.

Sentia-se plena de juventude e de alegria pelo mero fato de existir. A vida estava sempre a atraí-la e a compeli-la adiante. Tinha consciência das dificuldades que estavam por vir; sabia que ainda ofenderia muitos vizinhos, desses que lhe pediam para escrever obituários e depois desdenhavam dela quando encontravam alguma palavra pouco familiar no texto, dizendo que ela gostava de “falar difícil”; sabia que as cartas de rejeição ainda abundariam; sabia que haveria dias em que, desesperada, se sentiria incapaz de escrever, como se tentar fosse inútil; dias em que o bordão editorial “isto não diminui em nada seus méritos” lhe dava nos nervos, e ela tinha vontade de imitar Marie Bashkirtseff² e arremessar pela janela o relógio que tiquetaqueava zombeteiro e implacável na sala de estar; dias em que tudo que ela já havia feito ou tentado fazer perdia o brilho, tornando-se medíocre e desprezível; dias em que se via tentada a duvidar de sua convicção fundamental de que havia tanta verdade na poesia da vida quanto na prosa; dias em que o eco da “palavra aleatória” dos deuses – que, com afã, ela se esforçava para ouvir – parecia apenas provocá-la com suas sugestões de beleza e perfeição inatingíveis, fora do alcance dos ouvidos e das penas dos mortais.

Ela sabia que a tia Elizabeth tolerava, mas não aprovava sua mania de escrever. Em seus dois últimos anos no Liceu de Shrewsbury, Emily havia de fato conseguido ganhar algum dinheiro com seus versos e contos, para o enorme assombro da incrédula tia Elizabeth. Daí vinha a tolerância.

² Marie Bashkirtseff (1858-1884): escritora e artista ucraniana. A referência a Bashkirtseff parece ter significados subjacentes, posto que ela morreu de tuberculose, doença que assombra Emily desde o primeiro livro. (N.T.)

Ainda assim, nenhum Murray havia feito isso antes. Além disso, havia sempre aquela sensação de estar por fora de algo, que tanto incomodava dona Elizabeth Murray. A tia Elizabeth realmente se incomodava com o fato de Emily dispor de um outro mundo à parte, separado do de Lua Nova e Blair Water; um reino estrelado e ilimitável no qual ela podia se refugiar sempre que quisesse e no qual nem mesmo a mais determinada e desconfiada das tias podia segui-la. Chego a achar que, se os olhos de Emily não se perdessem tão frequentemente em sonhos belos e secretos, a tia Elizabeth talvez fosse mais solidária com suas ambições. Ninguém gosta de ser deixado de fora, nem mesmo os Murrays de Lua Nova, por mais autossuficientes que fossem.

2

Os leitores que vêm acompanhando Emily ao longo dos anos, em Lua Nova e Shrewsbury, já devem ter uma boa noção da aparência dela. Para aqueles que ainda não a conhecem, permitam-me traçar um esboço de sua aparência sob a aura mágica dos dezessete anos, caminhando, em uma tarde de outono, por um velho jardim litorâneo iluminado por crisântemos dourados. Trata-se do jardim de Lua Nova, um lugar de paz e calma. Um éden encantado, cheio de cores ricas e envolventes, mas também de sombras fantásticas e misteriosas. A fragrância das rosas e dos pinheiros o perfumava; o zumbido das abelhas, a monodia do vento e os murmúrios do golfo azul o embalavam; e a todo tempo ouvia-se nele o suspirar suave que emanava dos abetos no bosque do altivo John Sullivan, mais a norte. Emily amava cada flor e cada sombra naquele jardim, bem como cada uma de suas belas e inveteradas árvores, em especial as que lhe eram mais íntimas e queridas: as cerejeiras-silvestres a sudoeste; as Três Princesas da Lombardia; a ameixeira-silvestre com ares de donzela junto ao caminho do riacho; o abeto gigante bem no centro; o bordo-prateado e o pinheiro

mais além; o álamo do outro lado, sempre se insinuando alegremente ao vento; e a fileira de imponentes bétulas brancas no bosque de John Sullivan.

Emily sentia-se plenamente feliz por morar em um lugar cheio de árvores tão longevas, plantadas e regadas por quem se foi há tanto tempo, marcadas pelas alegrias e tristezas das muitas vidas que se passaram sob as sombras de suas frondes.

Era jovem, magra e virginal. Seus cabelos eram como seda negra. Seus olhos eram violeta-acinzentados, e sob eles havia atraentes manchas escuras que se acentuavam ainda mais sempre que Emily avançava até altas horas terminando algum conto ou trabalhando no esboço de alguma trama, muito a contragosto da tia Elizabeth. Nos cantos de seus lábios escarlates, destacava-se a típica marca de expressão dos Murrays, e suas orelhas eram pontudas como as de um duende levado. Talvez fosse justamente por conta dessa marca de expressão e dessas orelhas pontudas que as pessoas vissem nela um ar meio felino. Seu pescoço e seu queixo tinham um desenho formidável; seu sorriso escondia um truque: abria-se devagar, mas logo resplandecia em sua completude. Tinha tornozelos bonitos, para os quais a polêmica tia Nancy Priest, de Priest Pond, não poupava elogios. Suas bochechas redondas e levemente rosadas assumiam, vez por outra, um tom mais escuro, carmesim. Eram raros os eventos capazes de suscitar esse rubor em suas faces: um vento vindo do mar; uma inesperada paisagem de planaltos verdejantes; o vermelho incandescente de uma papoula; as velas brancas dos barcos se afastando do porto na magia da manhã; o brilho prateado das águas do golfo nas noites de luar; o pálido azul das aquilégias no antigo jardim; ou um certo assobio vindo do bosque de John Sullivan.

Isto posto, era bonita? Não sei dizer. Emily nunca era mencionada nas listas de beldades de Blair Water. Todavia, quem via seu rosto jamais o esquecia. Nunca houve alguém que, tendo encontrado Emily alguma vez, dissesse “Hum... seu rosto me parece familiar, mas...” ao revê-la. Era precedida por gerações de mulheres adoráveis e havia herdado traços da personalidade de cada uma delas. Era graciosa como a água e, de certa

maneira, igualmente límpida e cintilante. Um pensamento tinha o poder de abalá-la como um vento forte. Um sentimento era capaz de agitá-la como uma tempestade agita uma rosa. Era uma criatura cheia de vida, dessas que, quando morrem, nos deixam com a sensação de ser impossível que estejam de fato mortas. Contrastando com o pragmatismo circunspecto de seu clã, ela reluzia como a chama de um diamante. Muitos gostavam dela; muitos não. O fato é que ninguém lhe era de todo indiferente.

Certa vez, quando ainda era uma menina morando com o pai na pequena casa de Maywood, onde ele morreu, Emily saiu em busca do final do arco-íris. Cheia de esperança e expectativa, ela correu por vastos charcos e altas colinas. No entanto, enquanto corria, o arco-íris foi se desvanecendo mais e mais, até que sumiu. Emily viu-se só em um vale desconhecido, sem saber muito bem para que lado ficava sua casa. Por um momento, seus lábios tremeram e seus olhos marejaram. Contudo, ela logo ergueu o rosto e sorriu valorosamente para o céu vazio.

– Outros arco-íris virão! – exclamou.

Emily era uma caçadora de arco-íris.

3

A vida em Lua Nova havia mudado. Emily precisava se ajustar a ela. Era preciso adequar-se à solidão. Ilse Burnley, sua companheira desvairada de sete maravilhosos anos, havia partido para a Escola de Literatura e Oratória de Montreal. As duas moças se despediram em meio às lágrimas e às promessas típicas da juventude. Todavia, nunca mais voltariam a se ver na mesma situação. Isso porque, por mais que queiramos disfarçar a realidade, o fato é que, quando dois amigos, por mais próximos que sejam, e talvez justamente por conta dessa proximidade, se reencontram depois de uma separação, há sempre uma frieza, em maior ou menor grau, que é fruto da mudança. Um jamais encontra o outro *exatamente* como o deixou.

Isso é natural e inevitável. A natureza humana ou progride ou regride, mas nunca permanece estática. Ainda assim, apesar de toda essa filosofia, quem entre nós seria capaz de conter o sentimento de atônita decepção ao dar-se conta de que um amigo não é e nunca mais voltará a ser o mesmo de antes (mesmo que a mudança tenha sido para melhor)? Ao contrário de Ilse, Emily percebeu isso, com aquela estranha intuição que compensava sua falta de experiência, e teve a sensação de estar dizendo adeus à amiga dos tempos de Lua Nova e de Shrewsbury.

Da mesma maneira, Perry Miller, o antigo “criado” de Lua Nova, medalhista do Liceu de Shrewsbury, pretendente rejeitado (mas ainda esperançoso) de Emily e causador dos acessos de cólera de Ilse, também havia partido. Perry estava estudando direito em um escritório de Charlotetown³, com os olhos fixos em objetivos cintilantes para sua carreira jurídica. Com Perry, não havia essa de pote de ouro no fim do arco-íris. Ele tinha convicção de que seus objetivos não saíam do lugar e estava determinado a persegui-los. As pessoas começavam a acreditar que ele os alcançaria. Afinal, o abismo entre o escritório de advocacia do doutor Abel e a Suprema Corte do Canadá não era nem um pouco maior do que o abismo entre esse mesmo escritório e o vilarejo portuário de Stovepipe Town.

Teddy Kent é que era mais do tipo sonhador. O jovem morador do Sítio dos Tanacetos também estava para partir: iria para a Escola de Desenho de Montreal. Como Emily, ele também conhecia bem, e há muito tempo, o prazer, a fascinação e a angústia que permeiam a busca pelo fim do arco-íris.

– Mesmo que nós nunca cheguemos lá – disse ele a Emily enquanto passeavam pelo jardim de Lua Nova, sob o céu violeta de um longo e arrebatador entardecer boreal, na véspera de sua partida –, tem algo nessa busca que é melhor do que o próprio objetivo em si.

³ Até o século XIX, na América do Norte, era comum que os aspirantes à advocacia e à carreira jurídica não tivessem uma educação superior formal, mas sim que passassem por um período de aprendizagem junto a um profissional mais experiente. Parece ser o caso de Perry Miller. (N.T.)

– Mas nós *vamos* chegar lá – respondeu Emily, erguendo os olhos para admirar uma estrela que brilhava acima de uma das Três Princesas. Algo naquele “nós” de Teddy a comovera, por conta das implicações que ele trazia. Emily sempre fora muito honesta consigo mesma e jamais tentou fechar os olhos para o fato de que, para ela, Teddy Kent significava mais do que qualquer outra pessoa. Por outro lado, o que *ela* significava para ele? Pouca coisa? Muita coisa? Ou absolutamente nada?

Ela tinha os cabelos ao vento e havia metido neles um pequeno buquê de crisântemos amarelos que mais parecia uma estrela. Havia pensado bastante sobre o que vestir, até que se decidiu por um vestido de seda amarelo-pálido. Pensou que estava muito bonita, mas que diferença faria isso se Teddy não o notasse? Ele nunca reconhecia seus esforços, pensou ela, um tanto contrariada. Ao contrário dele, Dean Priest teria notado sua aparência e lhe feito algum elogio sutil.

– Sei lá... – retrucou Teddy, taciturno, fazendo uma careta para Ciso, o gato cinza de Emily com olhos cor de topázio, que se insinuava furtivamente por entre os arbustos de grinalda-de-noiva feito um tigre à espreita. – Sei lá... Agora que me vejo prestes a partir, me sinto meio... desenhado. Afinal, é possível que eu nunca chegue a fazer nada de valor. De que vale um pouco de talento para o desenho? Em especial quando se está acordado às três da manhã, olhando para o teto?

– Ah, conheço bem essa sensação! – concordou Emily. – Esta noite, eu remoí um conto por horas a fio, até que por fim decidi que *jamais* conseguiria escrever, que era inútil tentar, que eu jamais faria nada que de fato tivesse algum valor. Fui deitar pensando nisso e encharquei o travesseiro de lágrimas. Acordei às três da manhã e já não conseguia mais chorar. As lágrimas pareciam tão inúteis quanto o riso... ou a ambição. Eu estava inteiramente vazia de esperança e fé. Então, quando me levantei naquela manhã fria e cinzenta, logo comecei a escrever um conto novo. Não deixe que os pensamentos que vêm às três da manhã perturbem sua alma.

– O problema é que, infelizmente, toda noite tem suas três horas da manhã – retorquiu Teddy. – Nesse momento infernal da madrugada, eu sempre tendo a crer que, quando desejamos *muito* alguma coisa, é bastante improvável que consigamos alcançá-la. E há duas coisas que eu desejo fervorosamente. Uma, obviamente, é me tornar um grande artista. Eu nunca imaginei que fosse covarde, Emily, mas agora tenho medo. E se nada der certo para mim? Vou ser motivo de chacota! Minha mãe vai dizer que já sabia. Ela detesta a ideia de me ver partir, você bem sabe. Imagine se eu for e fracassar! Seria melhor não ter ido.

– Não seria, não! – retrucou Emily, decidida, ao mesmo tempo em que se perguntava qual seria a *outra* coisa que Teddy desejava tão fervorosamente. – Você não deve ter medo. Na conversa que teve comigo antes de morrer, meu pai me disse que eu não deveria ter medo de nada. E não foi Emerson⁴ quem disse: “Sempre faça aquilo de que tem medo”?

– Aposto que Emerson disse isso quando já havia passado da fase de ter medo das coisas. É fácil demonstrar coragem quando as batalhas estão vencidas.

– Você sabe que eu acredito em você, Teddy – disse Emily, carinhosa.

– Sei, sim. Você e o professor Carpenter são os únicos que realmente acreditam em mim. Até a Ilse acha que o Perry tem muito mais chance de botar o pão na mesa do que eu.

– Mas você não está indo atrás de pão. Está indo atrás do pote de ouro no fim do arco-íris.

– E se eu fracassar e te decepcionar, vai ser a pior coisa de todas.

– Você *não vai* fracassar. Olhe aquela estrela, Teddy; a que está logo acima da Princesa mais jovem. É a estrela Vega, da constelação de Lira. Sempre a adorei. É minha estrela mais querida de todas. Você se lembra de como, antigamente, você, Ilse e eu nos sentávamos no jardim ao entardecer enquanto o primo Jimmy cozinhava batatas para os porcos? Você

⁴ Ralph Waldo Emerson (1803-1882): escritor estadunidense. (N.T.)